

TEOLOGIA FEMINISTA: UM CAMINHO PARA VIDAS DIGNAS E SEM VIOLÊNCIAS

Daniéli Busanello Krobⁱ

Gisela I. W. Streckⁱⁱ

Introdução

A Teologia Feminista traz à discussão temas como a questão do cotidiano, do poder, da ética, da diversidade, das desigualdades entre os gêneros, da corporeidade, dos direitos reprodutivos, dos direitos humanos, da ecologia e do eco-feminismo (Ströher, 2009, p. 507). O princípio básico da Teologia Feminista é a promoção da humanidade plena das mulheres (Ruether, 1993, p. 23).

A violência doméstica contra a mulher está presente em todas as classes sociais, idades, etnias, orientações sexuais, culturas, níveis educacionais e religiões. De acordo com dados divulgados pela *Fundação Perseu Abramo* em 2010, a cada 24 segundos uma mulher é agredida no Brasil (Morière, 2011, s/n.). Em 2009, com o objetivo de levantar a opinião das brasileiras sobre a violência contra a mulher, a *Fundação Avon*, em parceria com o IBOPE, entrevistou 2000 mulheres em todo o país. Esta pesquisa revelou que 55% das entrevistadas conhecem casos de agressões a mulheres; 24% não abandonam o homem com comportamento agressivo por dependência econômica, 23% por preocupação com a criação dos filhos e filhas e 17% por medo de serem mortas caso a relação seja rompida. A violência contra a mulher é apontada por 56% das entrevistadas como a maior preocupação feminina da atualidade; 51% defendem a prisão do homem com comportamento agressivo e 36% atribuem a violência contra a mulher ao machismo (IBOPE, 2009, s/n.).

Apesar de a violência doméstica ser uma das formas de violência mais explicitada contra as mulheres, estas também estão vulneráveis a toda uma gama de diferentes fatores comportamentais que contribuem para outras formas de violência. Tais formas de comportamento são baseadas nas relações de *gênero*ⁱⁱⁱ (Paz, 2010, p. 12). A violência de gênero constitui a base para todas as outras formas de violência contra a mulher. Saffioti define violência de gênero como uma categoria de violência geral, que pode abranger a violência doméstica e a violência familiar^{iv} (Saffioti, 2004, p. 69).

Ao longo da história podemos observar uma estreita relação entre Igreja e violência contra as mulheres. Tanto a teologia ocidental – que coloca a mulher como um ser inferior

e responsável pela entrada do pecado no mundo – quanto a *caça às bruxas* – mulheres independentes que não se encaixavam no estereótipo da mulher submissa – entre tantos outros fatores, contribuíram para que a discriminação e a violência contra as mulheres permanecessem até hoje na sociedade (Bergesch, 2006, p. 108). Porém, por muitas vezes, a Igreja é o único refúgio da mulher que sofre violência. É preciso saber como lidar, como acolher e aconselhar esta mulher que vem, tão frágil, em busca de socorro.

1 Teologia Feminista

Dentro de uma sociedade e Igreja patriarcal nasce a Teologia Feminista, baseada na leitura das fontes da Teologia, da Escritura e da Tradição, tendo como objetivo a busca de igualdade entre mulheres e homens. Seu pano de fundo é a sociedade como um todo. Frequentemente, criam-se confusões em torno da Teologia Feminista, quando, por exemplo, é (mal) interpretada como teologia de mulheres ou de temas femininos, e não como uma teologia da libertação que se opõe às estruturas sociais opressoras que afetam mulheres e homens igualmente (Mendes, 2008, s/n). Teologia Feminista e Teologia da Mulher não são a mesma coisa. Na década de 1950 surgiu a Teologia da Mulher, quando a revista *L'Agneau d'Or* (1954) propôs o *esboço de uma Teologia da Mulher*. É, essencialmente, unilateral, centrada em si própria e preocupada consigo mesma. Foi elaborada por teólogos e clérigos que utilizavam esquemas mentais derivados da cultura dominante patriarcal (Souza Filho, 2004, s/n). A Teologia Feminista, por sua vez, é uma teologia de mulheres feita pelas mulheres: mulheres cristãs refletem sobre sua experiência humana e cristã, e experimentam criticamente esta experiência. Ao contrário da Teologia da Mulher, ela não quer ser unilateral, mas sim fazer parte de uma autêntica Teologia da Integralidade (Souza Filho, 2004, s/n). Associa a experiência da Bíblia e da tradição com as experiências atuais das mulheres (Steeermann, 2011, p. 2): “estamos diante da reflexão teológica de alguém que se atreve a pensar pessoalmente, a duvidar, a levantar suspeitas, a fazer perguntas [...] a tarefa mais difícil e para a qual faz falta maior criatividade e valentia: abrir caminhos, romper muros, convidar a sair ao campo aberto.” (Alexandre, 1995, p. 5)

A Teologia Feminista coloca em discussão o mundo masculino e seu modelo social patriarcal, lutando pelos direitos civis e pela liberdade e autonomia feminina. A Teologia Feminista é expressão de mulheres – feministas e cristãs – que compartilham com outras e

outros a militância por sua emancipação e libertação. No entanto, como cristãs e teólogas, também estão comprometidas com suas comunidades e com uma reflexão de fé:

A teologia feminista não pode retroceder ao resto da reflexão e da ciência na perspectiva feminista, tanto nos âmbitos tradicionais como alternativos. A reflexão feminista e a ciência feminista seguem sendo o contexto no qual tem lugar, incluindo quando os contatos entre o âmbito civil e teológico não são tão freqüentes e naturais quanto desejamos. (Miguel; Navarro, 2004, p. 484)

A Teologia Feminista é uma forma de *teologia contextualizada*, onde a reflexão teológica não se produz de forma acadêmica, mas sim a partir de um determinado contexto de compromisso e militância. É um fazer teológico fragmentado, narrativo. Não parte de conceitos abstratos, mas sim de relatos de vidas. A sua atenção é especialmente voltada para as experiências vividas em uma sociedade sexista (Stegmann, 2011, p. 3). Diante de uma tradição cristã que sempre denegriu o corpo – especialmente o corpo feminino – a Teologia Feminista direciona sua atenção às experiências reais do corpo. Sua espiritualidade está fundamentada na sensualidade/sexualidade, isto é, nas experiências dos desejos/sentimentos/necessidades do corpo feminino: "O corpo da mulher tem sido objeto de todos os tipos de leituras, usos e abusos. Ele tem sido usado, convertido em objeto de venda [...] Mas hoje, no caso do corpo da mulher, pela primeira vez na história, há a possibilidade de que a mulher interprete a si mesma como corpo-sujeito e não como corpo-objeto de outros." (Santiso, 1997, p. 113)

Outra característica importante da Teologia Feminista é a *hermenêutica da suspeita*, que possibilita a aproximação da mulher às tradições bíblicas e eclesiais, que explicitamente desvalorizam todo o feminino (Stegmann, 2011, p. 5). Sendo assim, critica-se a tradição bíblica, descobrindo e rejeitando aqueles elementos que perpetuam, em nome de Deus, a subjugação da mulher ao homem e descartam as mulheres da consciência histórico-teológica. Esta hermenêutica deve recuperar todos os elementos que nos textos e tradições bíblicas refletem as experiências e visões libertadoras do povo de Deus: "A história e a teologia da opressão das mulheres, perpetuada pelos textos bíblicos patriarcais e por um patriarcado clerical, não pode invalidar a história e a teologia da luta, da vida e da liderança de mulheres cristãs que falaram e agiram na força do Espírito." (Fiorenza, 1989, p. 73)

Influenciadas pelo Movimento Feminista, desde o início da década de 1960, muitas mulheres no mundo todo começaram a perceber com maior clareza as relações entre a face simbólica histórica e masculina de Deus e a opressão das mulheres (Gebara, 2007, p. 15):

Esse ser poderoso e abstrato, adorado e glorificado como Senhor absoluto dos céus e da terra, justificava leis, comportamentos e costumes estabelecidos. Ele determinava, por intermédio de seus representantes e dos textos reconhecidos como ‘revelados’, os diferentes papéis sociais. Ordenava caminhos, julgava e até condenava os que pareciam se distanciar de uma ordem predeterminada por ele mesmo fixada. (Gebara, 2007, p. 15)

Em 1968, Mary Daly publicou *The Church and the Second Sex*, que serve de referência para muitas teólogas que escrevem em todas as disciplinas teológicas e eclesiais (Mendes, 2008, s/n). Além disso, estas mulheres tiveram outros nomes para se inspirar, tais como Juana Inês da Cruz, religiosa mexicana vítima da Inquisição no século XVII. Por não se conformar com a prisão doméstica e com o impedimento de busca de conhecimento a que as mulheres eram impostas, sob a alegação de cumprirem a vontade de Deus, tornou-se poetisa, literata e astrônoma. Seus textos, por serem considerados *atrevidos*, foram queimados pela Inquisição e ela foi forçada a assumir a culpa de não seguir os caminhos que a Igreja lhe indicara, na fidelidade ao seu ser feminino. Morreu dois anos após ter sido condenada a prestar trabalhos domésticos forçados no Convento de São Jerônimo. Outro nome – que serviu de inspiração para muitas biblistas feministas – é o da sufragista norte-americana do século XIX Elisabeth Cady Stanton. Ela escreveu a *Bíblia das Mulheres* quando percebeu que os homens contrários ao direito de voto feminino apoiavam-se na Bíblia para fazer valer, em nome de Deus, as proibições de ascensão feminina à cidadania. Porém, apenas em 1988 – cem anos após a sua morte – seu trabalho foi redescoberto e seu pioneirismo em favor das mulheres foi reconhecido. Nasceu assim uma leitura e interpretação dos textos bíblicos partindo das mulheres – hermenêutica feminista da Bíblia. O texto bíblico passa a ser a expressão de um modo de ser cultural, escrito, interpretado, situado e datado (Gebara, 2007, p. 17).

A Teologia Feminista não é um bloco unitário, pois pode se identificar nela diversas perspectivas e correntes, dentre as quais uma delas situa-se claramente dentro da tradição bíblico-cristã e de suas instituições, visando exercer uma função profética frente à sociedade e frente à Igreja:

Uma imagem transcendente do Pai sem a correspondente imagem da Mãe, tal como há em nossa cultura, nos fecha o caminho para a imanência de Deus e tem levado o cristianismo e a todos nós ao engano sobre o centro da religião cristã que é a encarnação e a presença de Deus na criação. Portanto, devemos expandir nossas imagens de Deus cheias de vidas novas e antigas. Uma nova geração de pais pode nos ajudar a ver o Pai de um modo novo, olhando não para a transcendência, afastamento e onipotência, mas sim para a corporalidade, proximidade com a terra e

ao trabalho de relação [...] eu mesma creio em Deus Pai e espero um novo Pai. (Moltmann; Wendel, 1991, p. 20)

Outra corrente da Teologia Feminista inclui mulheres que se movem em um espaço aberto, pós-cristianismo, em busca de novas formas de experimentar a transcendência. Há um discurso religioso, porém não cristão. Nesta corrente, podemos citar Mary Daly e Peggy Ann Way, que consideram que no cristianismo se constitui uma distorção das relações humanas. Se o símbolo principal do cristianismo se expressa através de uma linguagem masculina e patriarcal, como a expressão da fé em Deus como Pai, disto se deriva uma série de conseqüências que são nocivas para as mulheres, como práticas e estruturas sociais patriarcais. Quando a mulher abandona a sociedade sexista e a Igreja patriarcal, experimenta uma vida nova. Neste novo caminho, as mulheres se unem em uma *irmandade*, entendida como o *estar juntas* em um caminho de libertação.

A Bíblia deixa claro a condição desafortunada – e muitas vezes miserável – da mulher nos tempos antigos. Os redatores do Antigo e Novo Testamento eram homens de seu tempo, e seria ingênuo pensar que estavam livres dos preconceitos de sua época. Portanto, é um processo muito duvidoso elaborar uma ideia de natureza feminina ou do plano divino para as mulheres a partir dos textos bíblicos. Como expressou um teólogo: Sejamos cuidadosos para não transcrever a termos de natureza aquilo que foi escrito em termos históricos. (Daly, 1995, p. 61)

Ainda podemos citar uma terceira corrente – *religião da Deusa* ou *espiritualidade da Deusa* (Steeermann, 2011, p. 8). O culto à Deusa sobreviveu até a Idade Clássica de Grécia e Roma, e só começou a perder forças na época dos imperadores cristãos de Roma.

O símbolo da Deusa tem muito a oferecer para as mulheres que lutam para liquidar aqueles estados de ânimo e aquelas motivações poderosas, persuasivas e persistentes, geradas pela religião patriarcal, de devolução do poder feminino, de desvalorização do corpo feminino, de desconfiança da vontade feminina e de negação dos vínculos e do patrimônio cultural das mulheres. E assim como as mulheres estão lutando para criar uma cultura nova na qual se celebram o poder, os corpos, a vontade e os vínculos das mulheres, também parece natural que volte a aparecer a Deusa como símbolo da beleza, da força e do poder recuperados das mulheres. (Christ, 1979, p. 286)

Especificamente relacionado com o catolicismo, é importante citar como um dos primeiros movimentos feministas, a fundação *Aliança Internacional Joana D'Arc*, fundada na Grã Bretanha em 1911. Sua proposta era *garantir a igualdade dos homens e das mulheres em todos os campos*. O seu lema, considerado polêmico, era *Orai a Deus: Ela vos ouvirá!* A proposta com o uso do feminino para Deus era evidenciar que Ela/Ele não é

nem masculino nem feminino, mas transcende as diferenciações sexuais (Gibellini, 1998, p. 415).

A Teologia Feminista ganha vida através de cada especificidade de experiências cotidianas de mulheres e homens, de fatores sócio-culturais, étnicos, entre outros. Sendo assim, há diversas correntes da Teologia Feminista espalhadas pelos continentes. No contexto brasileiro, ganha força a Teologia Feminista Latino-Americana, da qual falaremos a seguir.

2 Teologia Feminista Latino-Americana

Com raízes na Teologia Latino-Americana da Libertação e influência de diversas correntes de Movimentos Feministas contemporâneos, temos a Teologia Feminista Latino-Americana. Com a Teologia Latino-Americana da Libertação, os pobres, os fracos, os oprimidos ganham voz e vez. É levado em consideração a classe social e até mesmo, de certa forma, a etnia. No entanto, o gênero é deixado à margem. É necessário apontar o grande abismo de diferenças que há na condição de vida entre *o pobre e a pobre, o fraco e a fraca, o oprimido e a oprimida*. Neste contexto, a Teologia Feminista Latino-Americana compartilha de teorias, reivindicações e lutas dos Movimentos Feministas para transformar a opressão e a dor em libertação e integridade humana para as mulheres e para seus vínculos familiares e sociais. Um exemplo é o método da desconstrução das ideologias patriarcais:

Este método tem sido muito importante para mostrar que a maioria dos ensinamentos cristãos foram baseados em uma perspectiva patriarcal, onde os homens têm todo o poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou o terceiro lugar nas igrejas e no lar. Assim, foi imposta a ideia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários, a filiação divina única de Jesus, um varão, o conceito de masculinidade presente nas três pessoas da Trindade Divina, a ideia da virgindade de Maria de Nazaré e várias outras ideologias sexistas. (Tomita, 2010, p. 3)

A Teologia Feminista Latino-Americana diferencia-se de outras Teologias Feministas por considerar, especificamente, a realidade histórica, cultural, social e étnica das mulheres latino-americanas e caribenhas. A forma de apreender o mundo e de interpretar a realidade é determinada por gênero, raça, classe, idade e orientação sexual:

Na América Latina a teologia feminista é elaborada a partir de realidades concretas, quer acompanhar a experiência que as mulheres pobres e oprimidas têm de Deus em sua prática libertadora e procura responder às questões e aos desafios que essa prática propõe à fé cristã. Além disso, entende que a revelação não ocorre fora das coordenadas históricas, daí a

contextualidade ser uma das suas características centrais. (Aquino, 1997, p. 55)

No fazer teológico feminista latino-americano, o conhecimento não se dá apenas através do exercício da razão, pois a reflexão não se separa da experiência vital. No cotidiano se encontra a experiência de Deus e é onde devem ocorrer as construções de relações de dignidade à vida de mulheres e homens (Silva, 2010, p. 88). Esta teologia engloba as múltiplas dimensões da existência humana e está intimamente ligada aos limites e possibilidades da vida cotidiana, ao mundo real e à plenitude do corpo e expansão do espírito. Emprega valores iguais ao público (Igreja e sociedade) e ao privado (ambiente doméstico-familiar), pois os processos de libertação das mulheres devem acontecer plenamente, e não apenas como aparências aos olhos do povo. Sendo assim, a Teologia Feminista Latino-Americana busca identificar e nomear os fatores opressivos para então conseguir afetar os padrões de comportamentos institucionais, os valores, as atitudes e as relações que se dão no cotidiano:

Esta teologia entende que o exercício de pensar a fé a partir da própria consciência, situação e condição de mulheres, interpretada analiticamente, supõe nomear os mecanismos de dominação, enfrentar-se com eles e transformá-los. Se a teologia feminista latino-americana quer ativar a prática emancipatória das mulheres, deve esclarecer as causas que a impedem. (Aquino, 1997, p. 57)

Segundo Maria Pilar Aquino (1998), a Comissão Latino-Americana de Mulheres da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT) contribuiu notavelmente para a crescente incorporação de mulheres ao fazer teológico. Em 1979, no México, aconteceu o primeiro encontro promovido pela ASETT, o *Encontro Inicial*, com o tema *Mulher Latino-Americana, Igreja e Teologia*. Neste evento foi reconhecido que a visão das mulheres vinha sendo omitida pela Teologia da Libertação. Sua meta principal foi impulsionar e encorajar a incorporação de mulheres no campo teológico. O evento seguinte, o *Encontro de Ampliação*, ocorreu em Buenos Aires, em 1985, com o tema *Encontro Latino-Americano de Teologia desde a Perspectiva da Mulher*. Teve um impacto decisivo no desenvolvimento da Teologia Feminista Latino-Americana, pois seu foco foi o *discernimento das categorias intelectuais para articular e analisar o discurso teológico enraizado na experiência de fé das mulheres oprimidas*. No ano seguinte, novamente no México, ocorreu o *Encontro de Enlace*, que teve como tema principal *Fazer Teologia desde a Perspectiva das Mulheres do Terceiro Mundo*. Este evento contou com a participação de teólogas da Ásia, África e América Latina. Seu ponto chave foi o

reconhecimento de que é necessário romper com os sistemas patriarcais para se alcançar uma sociedade justa e igualitária. Por fim, no ano de 1993, no Rio de Janeiro, ocorreu o *Encontro de Consolidação e Avanço*, com o tema *Espiritualidade pela Vida: Mulheres contra a Violência*. Seu ponto chave foi a constatação de que o discurso teológico deve contribuir na busca de alternativas para combater a violência contra as mulheres, visto que esta é uma realidade crescente (Aquino, 1998, p. 21-23).

3 A Igreja e a Violência Doméstica

Os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. A falta de preparo teológico para lidar com situações de violência doméstica contra as mulheres também pode contribuir e alimentar os mitos religiosos que compactuam com esta realidade. Um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo:

[...] os aconselhadores pastorais precisam reconhecer a realidade de que a família é o grupo mais violento ao qual mulheres e crianças pertencem. Mesmo que haja um desejo de ver a família como um grupo que vive os valores cristãos, onde há conforto, amor e alegria, é necessário reconhecer que a família é um lugar onde não apenas a violência, mas também a tragédia pode ocorrer. (Bergesch, 2008, p. 125)

Muitas mulheres buscam compreender a relação de violência que sofrem através da religião. Essa busca de compreensão pode se dar, frequentemente, através da oração, do diálogo com Deus. Elas querem entender a causa e o propósito de seu sofrimento. Muitas vezes, essa busca – ou até mesmo algum aconselhamento religioso – as direciona para a história da crucificação de Jesus. Cria-se uma espécie de conformação com a situação de violência através do sofrimento de Jesus, pois este é o maior sofrimento existente. Esta afirmação teológica diminui qualquer sofrimento humano:

[...] no centro da tradição cristã, está o filho de Deus, sofrendo e morrendo na cruz. Historicamente, seu sofrimento e morte pode ter sido apresentado para todas as pessoas cristãs como necessário, salvador [...] Quando esta interpretação teológica e pastoral do sofrimento é combinada com Gênesis 3.16, onde Deus aumenta extremamente a dor de Eva no parto, devido ao seu pecado cometido, uma mensagem duradoura e complicada é enviada para as mulheres [...] o sofrimento é a consequência inevitável do pecado pessoal. As mulheres cristãs são chamadas a sofrer tanto quanto Jesus sofreu; como filhas de Eva, as mulheres são eternamente punidas com sofrimento. (Tatman, 1996, p. 220)

A Igreja, por vezes, passa a ser o refúgio, o local onde a mulher que sofre violência busca auxílio e acolhida. Isso se deve, primeiramente, ao fato de que este é um espaço permitido a ela pelo homem que a agride. Outro fator relevante é que este espaço religioso e seus/suas líderes são considerados/as sagrados/as, livres de sentimentos profanos. No entanto, não podemos esquecer que as instituições religiosas e seus/suas representantes estão inseridos/as no sistema patriarcal, e suas políticas, ideologias e atitudes podem contribuir para a manutenção desta organização social. Um exemplo que deixa isto claro é que os pecados dos homens são sempre diminuídos e até mesmo justificados, enquanto que as mulheres são a causa deste pecado. Quando uma mulher é estuprada, é muito comum presenciarmos atitudes que a colocam no papel de culpada pelo estupro. Se o estuprador cometeu este ato foi porque a mulher se insinuou, provocou, permitiu e pediu para ser violentada. Esta culpabilização da mulher também está presente dentro das instituições religiosas:

[...] a reprodução é um dom divino, e a sexualidade constitui um meio para alcançar o fim divino da reprodução. Esta concepção religiosa justifica a desapropriação do corpo das mulheres e abre espaço para a violência contra elas quando querem exercer seus direitos de autonomia e liberdade [...] Existe uma visão tradicional que torna as mulheres e seus corpos culpados da violência que sofrem, embora, na verdade, a violência se encontre enraizada na sociedade, que se pauta por um sistema por si mesmo violento na medida em que a engendra, mas que atribui ao corpo da mulher a violência que ela própria, a sociedade, produz, e na qual aparecem, como importante componente, as instituições religiosas. (Orozco, 2009, p. 138)

Assim, quando uma mulher busca auxílio na religião, sente seu sofrimento diminuído, banalizado e naturalizado, passando a entender que o sofrer faz parte do ser mulher. Diante disso, passa a assumir a culpa pela violência que sofre. Procura recordar momentos de sua vida ou de seus relacionamentos onde *fez algo errado, pelo qual está sendo castigada agora*. Para evitar *mais castigos*, procura se esforçar para ser esposa *exemplar*. Mas, afinal, o que é ser uma esposa/companheira exemplar? É cuidar dos afazeres domésticos, dos/as filhos/as, do marido/companheiro, sem ter anseios próprios e autonomia e ainda estar *disponível* para satisfazer o outro sexualmente, mesmo sem prazer, sem desejo? Ou uma esposa/companheira exemplar seria aquela que busca uma relação de respeito e dignidade mútua? Seria aquela mulher que não finge prazer apenas para alimentar o ego masculino e, ainda, espera que este realmente a satisfaça, que haja uma troca de entrega? Qual destas mulheres a maioria dos/as líderes religiosos/as acredita ser a esposa/companheira exemplar?

A vida e a posição social das mulheres hoje não é a mesma que há dez anos atrás e, muito menos, que em séculos. No entanto, o discurso religioso nunca acompanhou esta mudança de paradigmas femininos:

A realidade em relação a muitas mulheres na sociedade e a forma como a família se organiza mudaram. As mulheres hoje, em um número crescente, trabalham fora de casa, são profissionais qualificadas e competentes, moram sozinhas e, muitas, sustentam suas próprias famílias. O discurso da Igreja hoje não está adequado para a realidade cotidiana destas mulheres, sejam elas independentes ou estejam elas em um relacionamento abusivo [...] O tema da violência contra a mulher pode ser tratado em prédicas ou como tema nos vários grupos da comunidade. (Bergesch, 2006, p. 128)

A Igreja não pode manter-se inerte em relação à violência doméstica diante dos dados estatísticos. Se no Brasil a cada 24 segundos uma mulher sofre algum tipo de violência, quantas mulheres estão nesta situação dentro de uma comunidade religiosa? As Igrejas devem tomar como responsabilidade a capacitação e a qualificação de seus/suas líderes religiosos/as para atender e acolher as mulheres que (con)vivem com a violência doméstica. Elas necessitam se sentir seguras – tanto em relação ao sigilo quanto em relação a não julgamentos preconceituosos:

A mulher que procura auxílio e que, ao mesmo tempo, tem dificuldade de compreender a relação de violência da qual participa, precisa que sua história seja reconhecida como verdadeira [...] ela necessita que o/a aconselhador/a pastoral compreenda e acredite no seu discurso. Consequentemente, isto significa também receber encaminhamentos práticos, como, por exemplo, endereços de casa de abrigo, telefones de auxílio e encaminhamentos necessários. (Bergesch, 2006, p. 129)

No entanto, é preciso estar atento/a a todos os aspectos que envolvem a violência doméstica, como os ciclos da violência e as ameaças do homem com comportamento agressivo, por exemplo. É bastante comum que a mulher busque ajuda na sua Igreja e que depois, *arrependa-se* deste ato. Em alguns casos, pode até mesmo se distanciar de sua comunidade, para não precisar explicar o porquê desta *nova chance ao seu relacionamento/casamento*. Mas se o/a conselheiro/a tem conhecimento de todas as questões complexas que estão envolvidas em uma relação abusiva, não fará (pré)julgamentos e saberá como continuar acolhendo e aconselhando esta mulher.

4 Conclusão

A Teologia Feminista, através da redescoberta do feminino na teologia, ajuda a promover um novo modelo de cristianismo. Todos os seus elementos apontam para a

mobilidade, crescimento, desenvolvimento e transformação. As mulheres podem ajudar a desenvolver a teologia através da experiência, da existência, da vida, da totalidade que vive no Espírito. E, como resultado, surge uma experiência de Deus liderada pelo Espírito, que integra e transcende as diferenças entre os gêneros:

Sobre o corpo e a sexualidade feminina é que se expressam a opressão e a dominação de gênero. Não se pode fazer Teologia Feminista sem falar dos corpos femininos e da sexualidade feminina. Esse é o lugar a partir do qual começa a opressão e também o lugar a partir do qual se afirma a autonomia e a libertação feminina. É esse o lugar marcado pelas investidas masculinas de violência. Por isso [...] uma abordagem feminista a partir das relações de gênero deve explicitar a questão das relações de poder e da violência a partir da sexualidade. (Ströher, 2009, p. 516)

Muitas das mulheres que sofrem violência têm a *permissão* do homem que as agredem para frequentarem apenas a Igreja, que passa a ser a sua única opção de auxílio, de aconselhamento. Esta realidade, por si só, mostra a importância de ter uma estrutura preparada e qualificada para saber identificar relações abusivas dentro de suas comunidades. E, além de identificar, saber intervir, de forma legal e ética, visando o melhor para a mulher e toda a sua família que sofre. Porém, isto se torna um tanto quanto utópico quando os/as próprios/as líderes religiosos/as estão enraizados/as dentro da cultura patriarcal e machista. Quando a situação é esta, a mulher que busca ajuda acaba apenas encontrando uma justificação e naturalização para toda a violência presente em sua vida. A Bíblia pode ser interpretada como permissiva das relações de poder dos homens sobre as mulheres. A Teologia Feminista tem como um de seus objetivos fazer uma releitura das Escrituras, buscando assim justiça e igualdade entre mulheres e homens:

Acreditamos que a sabedoria religiosa só tem sentido se for capaz de tocar o coração humano, se for capaz de ajudar a abraçar, a acolher, a enxugar lágrimas, a perdoar, a partilhar o pão, o vinho, as roupas, a terra, o conhecimento e a alimentar esperanças. Todas essas pequenas coisas não vêm de um outro mundo nem de um Ser Todo-Poderoso, mas de nós mesmas, capazes de gerar sempre de novo o amor e a ternura [...] A religião partindo do feminino é um convite de retorno à nossa humanidade esquecida, à gratuidade do inesperado, ao gesto que faz renascer a esperança, ao abraço aconchegante que devolve a confiança na vida, à beleza dos lírios do campo e do pôr-do-sol, à partilha do pão e da terra, à vibração do corpo ao contato com outros corpos. (Gebara, 2007, p. 59)

Por fim, há que se investir, dentro da(s) Igreja(s), em educação e conscientização voltada, também, para os homens e meninos, com o objetivo de promover igualdade e justiça no que tange os direitos e deveres de meninos e meninas e, futuramente, de homens

e mulheres, buscando para tal embasamento teológico. Talvez assim, possamos almejar o dia em que todos e todas serão tratados/as como seres humanos que são, de igual valor.

Referências

ALEXANDRE, D. Apresentação do livro de GEBARA, I. *Teología a ritmo de mujer*. Madrid: San Pablo, 1995.

AQUINO, María Pilar. *A teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*. Tradução Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1997.

AQUINO, María Pilar. *Teologia feminista latinoamericana*. In *Cristianismo Y Sociedad: Teología Feminista desde América Latina*. Vol/No. 135-136. Quito: FEPP, 1998.

BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

BERGESCH, Karen. *Falas de violência e o imaginário religioso*. In *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

CHRIST, C. *Why Women Nedd the Goddess*. In *Womanspirit Rising*. New York: Harper and Row, 1979.

DALY, M. *El cristianismo: una historia de contradicciones*. In *Del cielo a la tierra: Una antología de teología feminista*. Chile: Sello Azul, 1995.

FIORINZA, Elisabeth S. *En memoria de ella*. Bilbao: Desclée, 1989.

GEBARA, Ivone. *O que é Teologia Feminista*. Coleção Primeiros Passos, 326. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

IBOPE/Instituto Avon: *Percepções sobre a Violência Doméstica contra a Mulher no Brasil*. In IBOPE, 2009. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=D7729580E3B30044832575A20052BAEC>. Acesso em: 16/04/12.

LEI nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 19/05/11.

MENDES, Jones T. *Alguns traços acerca da Teologia Feminista*. In *Fraternidade Sul*, 2008. Disponível em: <<http://www.fraternidadesul.org.br/artigo08005.html>>. Acesso em 16/04/12.

MIGUEL, V.; NAVARRO, M. *Diez palabras clave en teología feminista*. Navarra: Verbo Divino, 2004.

MOLTMANN, J.; WENDEL, E. M. *Hablar de Dios como mujer y como hombre*. Madrid: PPC, 1991.

MORIÈRE, Laisy. *Políticas públicas e combate à violência contra a mulher*. In Fundação Perseu Abramo, 2011. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/artigos-e-boletins/artigos/politicas-publicas-e-combate-violencia-contra-mulher>>. Acesso em: 16/04/12.

OROZCO, Yury Puello. *Violência, religião e direitos humanos*. In Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

PAZ, Nivia Ivette Núñez de La. *Da Violência de Gênero para Relações Humanizadas: Guia Regional*. São Leopoldo: Com-Texto Gráfica e Editora, 2010.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Luís Marcos Sander; Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTISO, Porcile M. T. *Con ojos de mujer*. Uruguai: Doble Clic, 1997.

SILVA, Silvia Regina de Lima. *Abriendo Caminos, Teología Feminista e Teología Negra Feminista Latinoamericana*. In Revista Magistro: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 1, no. 1. 2010. ISSN: 2178-7956. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1055>>. Acesso em: 16/04/12.

SOUZA FILHO, Augusto Bello. *A Teologia Feminista*. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>>. Acesso em: 12/07/11.

STEEGMANN, Laura. *Teologia Feminista*. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/EuUxN8zb/TEOLOGIA_FEMINISTA_-_LAURA_STE.html>. Acesso em: 16/04/12.

STRÖHER, Marga J. *Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes*. In Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação, 2009. Disponível em: <<http://www.wftl.org/pdf/055.pdf>>. Acesso em: 16/04/12.

TATMAN, Lucy apud BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

TOMITA, Luiza Etsuko. *A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos*. In Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. ISSN 2179-510X.

Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 16/04/12.

Notas

ⁱ Bolsista CNPq – Brasil. Mestranda em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST – São Leopoldo/RS. Musicoterapeuta. Email: danielibusanello@gmail.com

ⁱⁱ Professora orientadora do curso de Mestrado em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST – São Leopoldo/RS.

ⁱⁱⁱ Construção social e cultural da feminilidade e da masculinidade. Distinção entre *sexo* – diferenças biológicas – e *gênero* – construções históricas, sociais e culturais (Paz, 2010, p. 12).

^{iv} A violência familiar acontece “no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa”. (Brasil, Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006)